



BOLETIM INFORMATIVO DA AFAGO - ASSOCIAÇÃO DOS FILHOS E AMIGOS DE GOUVEIA - ANO VI N° 03 - MAIO- JUNHO 2013

Editorial

No dia 19 de abril do corrente ano, o doutor Raimundo e eu partimos para Gouveia, com uma ampla agenda: audiência com o senhor prefeito municipal, visita às escolas estaduais da cidade de Gouveia, visita à senhora secretária municipal de educação, visita ao novo pároco de Gouveia. Em todos os locais, recepção calorosa e atenciosa.

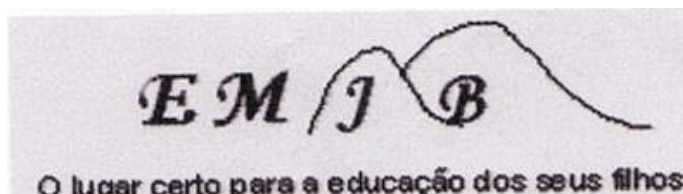
Na prefeitura, grande equipe de administradores nos receberam com a maior cortesia. O senhor prefeito, Geraldo de Fátima Oliveira, formalizou convite para encontro dos associados da AFAGO com sua assessoria em Belo Horizonte, em data a ser agendada. Acertou-se canal de comunicação da Prefeitura com a Associação dos Filhos e amigos de Gouveia. Nas escolas estaduais, Joviano Aguiar, Aurélio Pires e Augusto Aires, as diretoras puseram de lado atividades urgentes em atenção ao digno visitante. O digno pároco, Cônego Paulo Henrique, reservou-nos horas preciosas para uma conversa longa e descontraída sobre relações desejáveis entre a paróquia e nossa entidade. Paulo Vieira, na qualidade de Secretário de Comunicação, ainda instalando os equipamentos, dedicou-nos momentos preciosos para acertar canais de comunicação.

Aparentemente, um leitor apressado afirmará: não fizeram mais do que a obrigação. Afinal tratava-se do presidente da AFAGO, uma instituição que reúne voluntários em favor do desenvolvimento de Gouveia e da promoção social de todos gouveianos. Então falta acrescentar. Todos os percursos foram feitos a pé. Do hotel à prefeitura, da prefeitura à Escola Estadual Joviano Aguiar, dessa até a Secretaria Municipal de Educação, em seguida ao Aurélio Pires, depois à Escola Estadual Augusto Aires da Mata Machado. Outra surpresa: em todas as visitas, nosso doutor lembrou a importância da Comissão Mineira de Folclore e ganhos com acesso a suas propostas. Nas escolas, especialmente, perguntou se haviam recebido o convite enviado pela Secretaria de Estado da Educação para contribuir para os estudos de Folclore e o motivo do não atendimento. A atenção das pessoas ao doutor Raimundo ao longo do percurso foi a mesma, diferenciando apenas que não se tratava mais de autoridades, mas de inúmeras pessoas moradoras no Camilinho e adjacências – no Grande Camilinho. Testemunhei o apreço dos moradores da região como se fossem filhos, irmãos e parentes do professor doutor. Manifestavam todos, alegria e familiaridade. Senti-me orgulhoso por ter em companhia essa pessoa ímpar. Nesta edição, dedicamos parte substancial para fixar a importância do professor Raimundo e chamar a atenção para os que ainda não o conhecem. Nosso Doutor resume

emblematicamente tudo que todos os gouveianos poderiam ser. Esse moço que completou 80 anos no dia 20 de maio, formou-se em Engenharia na Universidade Federal de Viçosa. Fez mestrado e doutorado em Matemática e Informática. Com tais títulos, seria a pessoa ideal para ser exibida como “Homem de Resultados”, puro cálculo, puro software. Porém, o título mais adequado, o qual nenhum governo, nem escola, nem academia têm competência para lhe atribuir é o de “Homem Aprendiz”.

Solicito ao leitor atenção para o artigo “RAIMUNDO NONATO: LITERATURA ORAL NA REGIÃO DO ESPINHAÇO” de autoria de Antônio de Paiva Moura. É o povo de Camilinho que confere e assina o diploma: “Homem Aprendiz” ao magnífico professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves, homem que por mais que sobre as velinhas, menos elas se apagam.

José Moreira de Souza



ASSOCIAÇÃO DOS FILHOS E AMIGOS DE GOUVEIA

Notícias & comentários

- www.afagouveia.org.br
Confirmam nas Imagens que deslizam
- **Acessos**

www.portalgouveia.com.br

Notícias atualizadas de Gouveia. Atenção para a Kobufest 2013

<http://www.caminhosdaserra.org.br/>

Projetos, fotos e vídeos

<http://www.gouveia.mg.gov.br>

Site oficial da Prefeitura Municipal de Gouveia.

- **Comissão Mineira de Folclore**

<http://www.afagouveia.org.br/ComissaoMineiraFolclore.htm>

Comissão Mineira de Folclore - CMFL -

- [Museu Artes Populares](#)
- [Centro de Artes](#)
- [64 Anos da CMFC](#)
- [Carranca 2004](#)
- [Carranca 2005](#)
- [Carranca 2006](#)
- [Carranca 2012](#)
- [Carranca 2013](#)
- [Revista](#)
- [46a. Semana Folclore](#)
- [Video](#)
- [Folder/Cartaz](#)
- [Coloquio/Exposição](#)
- [Instituto Amilcar Martins](#)
- [Conversas: Folclore e Educação](#)

- **Selo Unicef - Gouveia 2006**

Detalhadas informações sobre relatórios produzidos por crianças e instituições de Gouveia para obterem o Selo Unicef recuperadas, expostas e comentadas pelo professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves.

- **Centenário da Escola de Camilinho**

Comentários:

Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Dia 12, [de maio] quarta feira, tive a oportunidade de falar para plateia, atenta e interessada, formada por alunos, professores e funcionários da Escola Municipal João Baiano.

Referida escola, criada como Escola Estadual Mista de Camilinho completa, neste ano, um século de atividades com muita garra, atravessando momentos de dificuldades,

momentos de superação, mas também, momentos de alegria e de vitória.

A escola foi criada pelo Governador **Julio Bueno Brandão**, através de decreto no. 4057, de 7 de dezembro de 1913, assinado, também, pelo Secretario de Negócios Interiores **Delfim Moreira da Costa Ribeiro**

Contei a história da escola em três fases:

- A fase 1 correspondente ao período 1913/1940 quando a escola não dispunha de prédio escolar e, as aulas eram ministradas na sala da residência de **Niquinho Miranda**;
- A fase 2 correspondente ao período 1941/1983 quando as aulas eram ministradas em prédio rústico construído por **João Baiano**, a escolinha azul e branco;
- A fase 3, a partir de 1984 com a escola, agora denominada Escola Municipal João Baiano, funcionando no prédio atual, construído com verbas do Projeto MG II.

Ilustrei a minha palestra com três “banners”, representando cada fase, com fotos e fac-simile de documentos.

Acertamos, também, que faremos, no segundo semestre, a celebração dos 100 anos da escola. Nosso propósito é reunir alunos e ex-alunos, professores e ex-professores, funcionários e ex-funcionários.

Se você tem qualquer relação com a instituição, então, é nosso convidado para cantar parabéns, mas alertamos que será Celebração com **Festa**: Um bolo com 100 velinhas, muita emoção e muito respeito à história. **Não será uma JBFest**. com funk, axé, som automotivo, trio elétrico, banda e dupla sertaneja.

Para ver os banners, clique:



- **Boletim Informativo**

Acesso a todas as edições do Boletim Informativo da AFAGO

- **Emancipação de Gouveia**

Reprodução do album: *Gouveia em quatro tempos*.

- **Camilinho Maio 2013 -**

Celebração de Nossa Senhora das Dores

Comentários:

Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Notícias & comentários

A tradicional festa de maio de Camilinho realizou-se, nos dias quatro e cinco últimos, precedida pelo tríduo que se iniciou no dia dois. No sábado, quatro, oração do terço, em seguida a coroação da Nossa Senhora por alunos do pré-escolar, salientando o garoto Thiago, filho do casal Reginalda e Cristiano. Depois, procissão noturna, à luz de velas e de fogueiras; à frente, levando a bandeira de Nossa Senhora das Dores, o casal de festeiros: Neide e Carlos Mauricio, seguidos pela folia de mestre Geraldo Gonçalves. depois da folia, todos nós, levando velas acesas. A procissão noturna percorreu o caminho desde a residência de Helena e Zico até a frente da Capela de N.S. das Dores; ali, no largo, pelo menos seis estandartes com estampas de N.S. das Dores pendurados nas árvores; levantou-se, então, o mastro com a bandeira transportada pelos festeiros sob o cantar da folia, o espocar de fogos e o calor das fogueiras. Lá pelas 22:00 horas, a turma, de mamando a caducando, se reuniu no entorno da churrasqueira; afinal, fazia frio e o calor das brasas tornava o ambiente agradável, principalmente, saboreando picanha, regada com cerveja e, a nunca esquecida disputa, quem trouxe a melhor cachaça. Enquanto os jovens disputavam uma rodada de truco os adultos atualizavam o papo. Dia cinco, à 14:00 horas, Celebração da Eucaristia e Procissão de Nossa Senhora das Dores. Devo ressaltar a beleza da procissão noturna, à luz de velas e de fogueiras;

a subida do mastro; a sonoridade da folia; a participação efetiva dos festeiros: Carlos Mauricio e Neide; A coordenação eficiente de Helena e todo o trabalho dela, dos filhos e netos, desde o pequeno Thiago aos maiores, decoradores do trajeto da procissão: Igor e Carlos. Aplausos, também, para as cantoras, acompanhadas dos violões de Davi e filho, e da Clarineta do maestro Serafim Moreira.

Devo ressaltar, também, o pronunciamento do Reverendíssimo Cônego Paulo Henrique, salientando a importância do mês de maio, dedicado a Maria mãe de Jesus, e todas as celebrações, realizadas neste mês, em homenagem a ela. Da mesma forma, salientando a importância e a celebração da Santa Cruz, no dia quatorze de setembro. O pronunciamento do Senhor Cônego pode ter passado despercebido para a maioria dos presentes, mas ele representa uma decisão importante do Pároco: **Mês de maio, em Camilinho, celebra-se Nossa Senhora das Dores e não Santa Cruz, conforme, no passado.** Termina, assim, discussão antiga mantida com o pároco anterior, Cônego Paulo Nicolau.

Veja, em seguida os cliques:

1. [O Mastro](#)
2. [A Folia](#)
3. [A Procissão](#)
4. [As Cantoras](#)
5. [A Festa](#)

➤ Recepção em Pinhões

Celebrando oitenta anos

Comentários:

Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Regra geral, não uso superlativos, mas, ontem, fiquei tentado a usá-los para caracterizar a recepção que me ofereceu o casal Adélia/José Moreira, na Chácara de Pinhões, quando celebramos meus oitenta anos de idade. Não usei superlativos, me contive, porque não os há tão expressivos para descrever a recepção com todos os seus elementos.

Adélia, exímia cozinheira neste dia extrapolou, preparou, ela mesma, saboroso almoço, servindo pratos árabes, pernil de cordeiro era o carro chefe acompanhado de inúmeras e deliciosas iguarias.

Depois? Doce de gergelim e um grande bolo com apenas duas velinhas: o oito e o zero; eu ainda espero ganhar um bolo com três velas: um, zero e zero. “Grande é Alá que

fez o vinho a mulher e a matemática! Dentre aquelas de origem árabe: grande é Adélia, pela amabilidade, pela dedicação e pela competência. Antes do almoço, em volta da piscina, professor Moreira, de conhecida e admirada simplicidade, mostrou que sabe ser, também, sofisticado. Serviu vinhos gregos, cachaça da capital – Salinas –, escocês de quinze anos, contribuição de Milton Miranda, e a elegante água de flor de rosas, opcional: água de flor de jasmim; e mais pão árabe com saboroso antepasto de berinjela servida em pequenas gamelas de madeira - isto é criatividade -.

Em estando presente, na ocasião, o Rei Congo de Pinhões, senhor Sérgio, então, Congados e organizações similares tornaram-se o assunto do momento. Oportunidade para o professor Moreira espargir cultura; ele esclareceu, para uma platéia atenta, a hierarquia e detalhes das organizações: Congo, Moçambique, Catopés, Caboclinhos, Marujadas, até Cavaleiros de São Jorge. **Por tudo isto, meu reconhecimento e meu agradecimento sincero ao casal Adélia e Moreira.**

➤ Mensagens

Posicione o cursor na primeira linha de colunas à esquerda onde está escrito “Afago”. Movimente o cursor seguindo a linha horizontal para a direita e desça até a quinta linha onde está escrito “Mensagens”. Para ter certeza confira se a caixa mudou de cor azul para amarelo. Pressione o mouse. Pronto, você terá acesso a notícias e comentários mais recentes sobre Gouveia e o que pensam os gouveianos.

➤ Comunique-se com o Boletim da AFAGO.

Envie para o endereço afagouveia@hotmail.com.br artigos, comentários, fotos, contos e poesias.

26/04/2013 - **João Saraiva**

Raimundo Nonato, o boletim da AFAGO e também o Livro de Mensagem que todos os dias lemos já faz parte do nosso cotidiano, são mensagens que muito nos agrada e por que não dizer, para nós gouveianos tornou-se utilidade pública, pois tomamos conhecimento de como estamos no nosso dia a dia, e também nos dá notícias de todo gouveiano seja ele na cidade como também os gouveianos que vivem neste mundo de Deus, cada vez nos unindo como grandes amigos, mesmo que seja amizade através deste site, de forma que, quando não temos mensagem nova, já sentimos falta. Porque será? É o carinho e a afetividade dos gouveianos de várias gerações que dão suas opiniões democraticamente aqui neste site sendo assim vamos unindo nosso povo cada vez mais. Um abraço a todos.

01/05/2013 - **Afrânio Gomes**

CANAL GOUVEIA <http://www.youtube.com/watch?v=Kik9TPMYhP4> O episódio abordado pelo presidente da câmara em 2009, relacionado aos “gastos excessivos”, feitos pelo presidente da câmara anterior está vindo à tona novamente. Seria bom que Gouveia entrasse em um clima de austeridade economizando recursos para obras que o município tanto precisa. Nossos vereadores não apresentam projetos, apenas dizem sim ou não a projetos enviados pelo prefeito. Boas ideias e bons projetos deveriam partir da câmara de vereadores e não apenas do executivo.

10/05/2013 - Afrânio Gomes

Uma caminhada histórica de Gouveia a Belo Horizonte em janeiro de 2005, passando por Costa Sena, Congonhas, Ouro Fino, Conceição do Mato Dentro, Serra do Cipó, Cardeal Mota, Joaboticatudas, Santa Luzia e Bhte. Foram 255 km em 7 dias. CANAL GOUVEIA YOUTUBE link <http://www.youtube.com/watch?v=ALvqtiexrol>
Sem desprezar essas dicas vale a pena assistir: <http://www.youtube.com/watch?v=MLqoVMU3wLw>

08/05/2013 - **Hermes Nascimento da Silva**

Estou estranhando pelo fato de o último dia de postagem ter sido 02 de maio. No dia 1º de maio participei de uma corrida ciclística aqui em Nova Serrana, competi com pessoas acima dos quarenta, eu com meus 57 anos fiquei em quarto lugar. Foram 29 Km de muita terra. No dia 19 vou competir em São Gonçalo do Pará na categoria acima dos 55 anos, cidade aqui próxima. Em junho vou competir em Divinópolis na Copa Internacional de montobike, na categoria paradesportista.

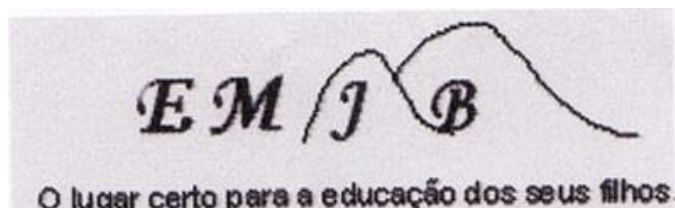
08/05/2013 - **Adilson do Nascimento**
Uma anedota quase política

O caipira fazia sua pescaria tradicional de cima de um barranco, às margens do Rio São Francisco, entre a foz do Rio Jequitá e do Rio Urucuia, depois de Pirapora, no sentido Bahia, quando deparou com uma espécie de lamparina jogada ao chão. Ao manipulá-la eis que surge o famoso gênio da lâmpada e anuncia que ele poderia fazer UM pedido. O mineirim, esperto, logo reclama: - mas não são três pedidos? O gênio explica que nos tempos atuais é apenas

Notícias & comentários

um. O capiau, nada bobo, então diz que quer a sua mulher parecida com Gisele Bundchen, em tudo: corpo, rosto, pernas e, principalmente conta bancária. O gênio pergunta se ele tem uma foto dela. O caipira mostra a foto que o gênio analisa, coça a longa barba, sacode a cabeça e diz: - dá não moço! O milagre aqui teria que ser muito maior que a minha autonomia. A sua mulher já está muito estragada! Mas eu lhe dou uma segunda chance para fazer um novo pedido. O mineirim, então, todo confiante pede: - eu queria que todos os políticos brasileiros sejam honestos, decentes, incorruptíveis; tenham uma reputação ilibada e só trabalhem em benefício do povo, principalmente do mais carente, assim como eu. O gênio pensa, coça a longa barba e abrindo um largo sorriso lhe diz: - me passa de novo o retrato da veia.

11/05/2013 - **Raimundo Nonato de Miranda Chaves** Logomarca da Escola Municipal “João Baiano”, criação de estudantes do oitavo ano: **Karine Kele de Moura** (arte gráfica) e **Deivison Antônio Mendes** (texto) eles são vencedores do concurso, promovido pela referida escola, para criação de logomarca.



A escola é dirigida pela dinâmica e competente diretora Adriana. A estudante Karine foi muito feliz ao usar imagem da Serra Grande do Camilinho, conhecida no estado por ter sido finalista no concurso Paisagens Mineiras, promovido pelo jornal “O Estado de Minas!”. em 2012; copia da foto premiada no concurso, clicada por Rodrigo Dias, à esquerda.

15/05/2013 - **Maisa de F. Nascimento Dória**

Prezados senhores da AFAGO, Mandei via e-mail uma prévia do que seria a programação da nossa II Semana Literária em Gouveia,mas parece-me que nao receberam,pois o Sr Raimundo Nonato perguntou á diretora Adriana,lá de Camilinho, sobre a data das atividades neste ano. Mandei apenas uma prévia para que pudessem estar por dentro da programação e para que pudessem se programar,pois estaremos homenageando a AFAGO e seus membros,grandes incentivadores da leitura em nosso município e gostaríamos de contar com a presença.senão de todos,mas pelo menos alguns dos membros da Afago. Perdoem-nos por não termos mandado já a programação oficial.

Mandarei até quinta-feira a programação oficial, já que para a realização do evento contamos com vários parceiros e alguns deles mandaram a participação efetiva até hoje,quarta-feira,então não pudemos fechar antes. Também vimos que o dia da nossa homenagem ,dia 20/05, é aniversário do Sr Raimundo Nonato .Mas nossa Semana Literária consta no calendário letivo oficial e não tivemos condições de mudar a data.Nossa Homenagem ocorrerá durante o “Chá Literário” na segunda-feira, dia 20 às 17h, como poderão ver no convite oficial,pois houveram mudanças e alterações na programação,após eu enviar a prévia. Gostaria que me retornassem para eu saber que viram esta mensagem. Hoje ainda tive a confirmação da presença de um contador de histórias de Curvelo, que vem prestigiar a nossa semana. Por isto atrasamos a entrega da programação já definida. Desculpem-nos o transtorno e na quinta será enviada a vocês. Abraços

16/05/2013 - **Raimundo Nonato de Miranda Chaves** Estado lastimável em que se encontra o Prédio Rústico, construído por João Baiano, em 1940, a suas expensas, e doado à comunidade para receber a Escola Estadual Rural Mista de Camilinho.

Dia cinco de maio, o Reverendíssimo Cônego Paulo Henrique, que terminara a celebração da tradicional festa de maio, em Camilinho, me perguntou:

— quem é responsável por este imóvel?

— (ir)responsável? É o Excelentíssimo Prefeito de Gouveia, Senhor Geraldo de Fátima Oliveira.

Na oportunidade, estando nas proximidades o Ilustre Vice-Prefeito, Senhor Alfeu Augusto de Oliveira, nós o convidamos a participar da conversa, Quando, então, o Senhor Cônego cobrou responsabilidade da Prefeitura para com o Patrimônio Histórico.

As atitudes vão se repetindo e o patrimônio histórico vai desaparecendo.



Notícias & comentários

80 Anos

17/05/2013 - **José Moreira de Souza**

Na próxima segunda feira, dia 20 de maio, nosso presidente, professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves, festejará, e nós com ele, a belíssima idade de Oitenta Anos completos. Uma festa desse porte merece ser precedida de trezena, novena e tríduo. Hoje começa, portanto o tríduo preparatório para, na véspera, ser erguido o mastro com foguetório, banda de música e tudo mais. Vamos concentrar nossa atenção nesses dias em nosso ilustre Gouveiano e pedir a Deus que lhe conceda mais oitenta com a mesma disposição e saúde pelo nosso bem. Pelo Bem da Gouveia e do Camilinho.

17/05/2013 - **Adilson do Nascimento**

Associo-me, com todo respeito, carinho e admiração, ao tríduo festivo das comemorações dos 80 anos de vida esplendorosa e exemplar do nosso presidente e meu amigo particular RAIMUNDO NONATO DE MIRANDA CHAVES, menino nem tão pobre, mas que deixou o minúsculo Camilinho para prover seu íntimo de sabedoria e cultura, culminando com a reitoria da Universidade Federal de Viçosa, um feito que a comunidade gouveana, seja ela rural ou urbana, não conhece precedente. A você, professor doutor Raimundo Nonato, os meus mais efusivos cumprimentos, associados aos da minha mulher, por esta data tão significativa para você, para sua família, para seus amigos e para os seus conterrâneos. A Gouveia, principalmente a Gouveia rural, está a lhe dever um pleito de reconhecimento e de gratidão. Parabéns! Felicidades!

17/05/2013 - **Gil Martins de Oliveira**

Raimundo Nonato de Miranda Chaves, 80 anos de experiência que vai da vida campesina do Camilinho à Reitoria da Universidade Federal de Viçosa, MG e, agora, à Afago (Presidente da Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia). Se prestarmos atenção às pessoas que se destacam em quaisquer áreas do mundo do conhecimento científico, não será muito difícil, principalmente no campo da arte literária, identificar os que nasceram com os pés no chão, ouvindo boi berrar e galo cantar. O casamento entre a vida rural e a busca do saber tem produzido homens e mulheres que, com muito humanismo, naturalidade e cosmovisão, conseguem passar-nos, no que escrevem, a beleza da corriqueira simplicidade da vida. Dentre esses, nosso Doutor e Professor Raimundo Nonato. Como no festivo 20/05 estarei lá pelas veredas de Guimarães Rosa, diga-se Urucuia, quero deixar aqui, desde já, o meu abraço a essa figura tão importante para todos nós gouveianos. Raimundo Nonato de Miranda Chaves, você se transformou num grande professor e doutor porque carrega dentro de si

a grandeza dos Chaves, dos montes e vales do Camilinho. Que Deus continue abençoando sua vida e sua família.

17/05/2013 - **Maria Auxiliadora de Paula Ribeiro**

Apesar de estar distante do meu domicílio, participo ativamente do tríduo em preparação aos brilhantes oitenta anos do nosso presidente, Dr. Raimundo Nonato de Miranda Chaves. Deixei em “Meus Documentos” no meu PC um texto que não sei definir se poema ou não, para enviá-lo na segunda-feira, dia 20, quando, pela manhã, regressarei a Curvelo, deixando o meu marido, talvez, ainda hospitalizado, entregue às irmãs. Por enquanto, já que no PC de meu filho e sempre elevo preces ao CRIADOR, agradecendo-Lhe ter-nos dado em nosso presidente um ilustre conterrâneo, um líder que nos orgulha ao lado do amigo que nos compreende e incentiva, com palavras e com seus feitos. Que ele viva por mais 80 anos a contagiar o Mundo com o seu carisma, dedicação e juventude. Viva Dr. Raimundo Nonato!

20/05/2013 - **Maria Auxiliadora de Paula Ribeiro**

Dr. Raimundo Nonato, não sei a quem me dirigir deva. Ao jovem ancião, sempre inédito? Ao ilustre conterrâneo, a difundir cultura e dinamismo? Ao presidente da AFAGO, nossa querida Associação? Ao líder, sem nenhuma pretensão de o ser? Resolvi, então, reunir todos os atributos inerentes ao teu caráter de homem sábio sem jamais deixares de ser simples, de cidadão moderno, sem negares a tua origem, de líder sem prescindires ser amigo e na junção de todos os teus atributos, cumprimentar-te, neste instante, cantando hosanas a Deus pelo dom do teu existir. Faço-o em uníssono às vozes de tua família, teus amigos e todos os afagueanos. Jovem em tua idade mental, a camuflares a idade cronológica, oitenta anos comemoras e no dom de tua vida, nossa alegria infinda. Bem sabes que sentimentos em vocábulos não se expressam. Porém, se fazem sentir pelo coração. O que te dizer, então? Bem... Promessas vou te fazer: Ter por modelo a tua juventude. Chegar a tua idade com igual clarividência. Procurar com a mente a criação. Preencher a vida de sonhos saudáveis, tornando-os reais, palpáveis. Inda que obstáculos me tolham o sonhar, direi NÃO! Sonharei. Realizarei. E, imitando-te na determinação, buscarei de ti a magnitude, a impulsionar de tua conterrânea a ação! Parabéns, por tão especial aniversário!

20/05/2013 - **João de Jesus Saraiva**

Falar de você é falar de otimismo, de paz, contentamento porque você sabe viver e de dar exemplo de uma vida bem vivida como poucos sabem fazer. Feliz aniversário Dr. Raimundo Nonato nosso grande presidente da AFAGO, que

Notícias & comentários

Deus lhe dê muitos e muitos anos de vida e este exemplo de companheirismo a todos nós. Felicidades a você e toda a família. Um abraço João Saraiva.

20/05/2013 - **Júnia Cunha**

Felicidade para você, por este dia tão especial que é o seu aniversário. Parabéns, que possa ter muitos anos de vida, abençoados e felizes, e que estes dias futuros sejam todos de harmonia, paz e desejos realizados. Que seu coração, esteja sempre em festa, porque você é um ser de luz e especial para mim. Felicidades pelo seu aniversário. Que seu caminhar seja sempre premiado com a presença de Deus, guiando seus passos e intuindo suas decisões, para que suas conquistas e vitórias, sejam constantes em seus dias. Parabéns por hoje, mas felicidades sempre. Um abraço de Júnia Cunha (Supervisora) e todos os alunos da Escola

Municipal João Baiano. Não conseguir entrar no seu email. Se puder me mande novamente. Um abraço bem forte.

21/05/2013 - **Raimundo Nonato de Miranda Chaves** Vale a pena completar oitenta anos: À minha direita, LU; à esquerda, CAROL; abaixo, coleção de belas mensagens com expressões de gentileza, de carinho, de amizade. Estou feliz e agradeço a todos vocês: meus netos, filhas, esposa Ana Maria, irmãos, sobrinhos, primos e, muito, muito mesmo a todos os meus amigos. Farei agradecimento individual a cada um que se lembrou de me saudar neste dia tão importante para mim.

21/05/2013 - **José Moreira de Souza**

Acabo de retornar de Gouveia. Ontem, o Doutor Raimundo Nonato Miranda Chaves foi alvo de muitas homenagens.



A banda de música tocou em diferentes ritmos, incluindo carnaval, o Parabéns para você! Foi a homenagem da Secretaria Municipal de Educação, das diretoras e da Prefeitura ao nosso líder maior. A Comissão Mineira de Folclore publicou no Carranca_02_13 três artigos do nosso grande doutor, incluindo um inédito de alta relevância para políticas de cultura interessadas na promoção do desenvolvimento a partir do saber fazer das profissões examinadas do ponto de vista do artífice. O nome artífice é mais adequado do que artesão.

Notícias & comentários

80 Anos

Meu pai e o trapézio

Andrea Gama Chaves

Aqui da arquibancada, maravilhada diante daquela imagem fluida, cheia de ritmo e vida... Assisto ao espetáculo dos trapezistas... Fecho os olhos e transfiro toda a emoção para minhas lembranças e encontro correlações... Meu pai...

O trapezista coleciona treinamento, esforço e habilidade... Conhece de perto o significado da palavra coragem. Exercita a todo instante a fé, pois existe através dela quando se lança de um trapézio ao outro certo de que encontrará as mãos firmes e seguras de seu grande companheiro...

Falar do meu pai é um forte exercício de síntese uma vez que sua fígura permeia todas as minhas lembranças, emoções e aprendizados. Incontestável sua força e companheirismo.

Obrigada meu pai! A você meu amor incondicional.



Notícias & comentários



80 Anos



Afago é também família

Notícias & comentários

Tio Raimundo!

É uma grande satisfação e alegria para nós estarmos aqui para comemorar seus 80 anos. 80 anos bem vividos com integridade, honestidade e muita dedicação à família.



O Senhor, com seu estilo paternal, sempre presente nos bons e nos maus momentos de nossas vidas, aconselhando, orientando e conciliando em prol de união da nossa família.

Admira-nos esse seu jeito de preservar as suas origens, nunca esquece do nosso Camilinho, instruindo e valorizando seu povo, sua cultura, fazendo-se presente em todos os eventos, em especial a Festa de Maio de Nossa Senhora das Dores.



Destacando a festa de maio de 2013, Neide e eu como festeiros, pude mais uma vez testemunhar o quanto valoriza, com entusiasmo, a folia do Seu Geraldo Gonçalves, o hasteamento do mastro, a procissão acompanhada pela Banda Santa Cecília.



Rogamos a Deus que lhe conceda muitos anos de vida, com saúde, para continuar nossas rodas de prosa acompanhada de uma boa Seleta na cozinha do tio Zico e tia Helena.



Tenho muito que agradecer por mim e por toda a nossa família pelo que representou para nós.

Sou o que sou – devo muito ao Senhor.

Muito Obrigado!

Maurício Miranda Chaves



80 Anos

Notícias & comentários



80 Anos



Parabéns todo dia!

ARTIGOS

RAIMUNDO NONATO: LITERATURA ORAL NA REGIÃO DO ESPINHAÇO.

Na edição de março a maio de 2013, do “Carranca”, publicados dois artigos, com sabor de contos literários, de autoria do Dr. Raimundo Nonato Miranda Chaves. O primeiro intitulado “O Peixe e o Valente” e o segundo “Pedro de Neco Custódio”.. No primeiro, como o título indica, tem como palco o lendário Cemitério do Peixe, com uma foto documental de 1935. Neste “causo” Raimundo Nonato colheu depoimento de Luiz Rodrigues que aprendera caçar onças com o avô, no tempo em que esse animal ainda não era bicho de estimação dos ambientalistas.

A história de Genaro, um matador por circunstância, que levou vida fugindo da polícia. Talvez uma reminiscência atávica de garimpeiros da região da Serra do Espinhaço. Eles faziam o possível e o impossível para não serem pegos pela polícia. O segundo é “Neco Custódio” que só para provar a Seu Niquinho que era seu amigo verdadeiro, matou um peão malfazejo. A partir daí uma saga para se escapar da polícia.

Diz Alceu Amoroso Lima que o mineiro é muito bem humorado muito brincalhão e irônico. É no modo de contar histórias que expressa a ironia. O caso jocoso sobre as pessoas conhecidas, ele vai guardando na memória para contá-lo oportunamente. O primeiro romance de Bernardo Guimarães foi “O Ermitão do Muquem”. Gonçalo, o personagem principal é um jovem apaixonado pela moça mais bela do lugar. Acabou matando um amigo e teve que fugir da polícia. Mais tarde, de volta para sua terra, acompanhando uma caravana de romeiros, de pouso em pouso, cada dia contava uma parte da história de sua vida. Afonso Arinos conta que Pedro Barqueiro era um destemido forasteiro do Rio São Francisco, que um poderoso senhor queria aprisionar. Sua personalidade ficava entre a valentia e a sorte; entre o herói e o anti-herói, porém satisfeito com sua sorte. Saul Martins, um dos fundadores da Comissão Mineira de Folclore e um dos principais personagens de sua história captou no Vale do São Francisco sua literatura oral, na forma de causos. Seu primeiro conto. Publicado em os “Os barranqueiros” foi “O cartrumano”, um homem roceiro sempre temeroso da ação policial. Além desse o conhecido episódio do bandido Antônio Dó, que atuou no Norte e no Nordeste de Minas Gerais, nas primeiras décadas

do século vinte. Foi nesse universo sertanejo que Guimarães Rosa foi buscar a matéria prima de sua grande obra. Riobaldo, o personagem narrador de “Grande Sertão: veredas” é o legítimo sertanejo, que vive em luta contra as hostes rivais

Dr. Raimundo seguiu a vocação literária mineira: a inteligências dos personagens não surge do nada como nos gênios. Estes são tipos humanos que se tornam inteligentes porque se arriscam em perigosas aventuras. Na verdade, são figuras simples, mais anti-heróis que heróis.

Genaro e Neco Custódio, de. Raimundo Nonato; Pedro Barqueiro, de Affonso Arinos; Gonçalo, de Bernardo Guimarães; Riobaldo de Guimarães Rosa e Antônio Dó, de Saul Martins, são figuras humanas que navegam no mesmo barco em luta contra os potentados regionais. Seus personagens reais e fictícios, sabiamente, não confiam nos poderes constituídos do Estado e muito menos na Justiça. Raimundo Nonato e esses escritores souberam penetrar na alma do sertanejo de onde vem a essência da mineiridade.

Belo Horizonte, 22 de maio de 2013

Antonio de Paiva Moura

Moura é professor emérito da Uni BH, onde ministrou cursos de História de Minas Gerais, e, também, as aulas magnas ao longo de mais de cinco anos. Foi o criador do Centro de Informações Folclóricas da Comissão Mineira de Folclore, feito que garantiu a essa entidade a inauguração de prestadora de serviços permanente. Moura foi pesquisador e diretor do Arquivo Público Mineiro de cuja experiência acumulada resultou uma obra de consulta necessária, o *Dicionário Bibliográfico de Minas Gerais*. Mais ainda, entre mais de uma dezena de obras publicadas, há que mencionar necessariamente: *América Latina: fatores ideológicos da colonização* (2007) e *Violência no mundo, ontem e hoje: uma visão interdisciplinar* (2009). É autor também de *História da violência em Minas Gerais* e *Panorama Literário de Diamantina*.

ARTIGOS

Jubileu do Cemitério de Peixe – 2013

Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Fevereiro de mil novecentos e quarenta e quatro, com dez anos de idade, cinco horas da manhã, eu acordei com badaladas fortes e rápidas do sino bem abaixo da janela; dormia no segundo piso. Levantei a cabeça meio atordoado, na minha frente, dezenas de camas em fila dupla, alguns colegas já se vestiam quando irrompeu no dormitório, como um furacão – era o jeito dele –, o reverendíssimo padre Caio, magro, agitado, cabelo escovinha, sempre com pressa; na direita, uma sineta que não parava de badalar, com a esquerda, ia puxando as cobertas de quem ainda permanecia deitado; ao mesmo tempo que exortava os dorminhocos: *Benedicamus domine!* Dizia ele, e, quem já estava acordado, respondia: *Deo gratias!*



Hoje, o cenário é diferente: O reverendíssimo padre Mauro Carvalhais, ainda, exortando os romeiros: Bendigamos ao Senhor! E, todos nós respondemos: Graças a Deus! Mas, eu sou, apenas, a sineta a anunciar, com meu artigo:

o Jubileu do Cemitério do Peixe se aproxima!

Está na hora de visitar a localidade Cemitério do Peixe, rever sua casa, fazer aquele pequeno reparo, uma caiação ligeira, carpir o mato no entorno da casa e, aguardar a terceira semana de agosto para celebrar o Jubileu. São Miguel e Almas estão nos aguardando. Se você não tem casa, então, exponha ao sol a barraca e toda a tralha de acampar, há que se tirar o mofo. Se você não tem casa e não tem barraca, mas, gosta de cavalgar, pois, vá cuidar dos arreios para se apresentar elegante na chegada das cavalgadas. Sempre há o que fazer, o importante é estar preparado e se fazer presente à romaria. Padre Mauro Carvalhais, evangelizador experiente, extremamente dedicado, nunca se cansa de falar sobre a romaria e sempre convida gente e mais gente para visitar, para conhecer o Cemitério do Peixe.



Ele é um apologista do Jubileu e me envolveu nesta paixão: divulgar o Jubileu do Cemitério do Peixe. Certa ocasião, ali pelo fim do século passado, o jubileu andava assim meio que decadente. Padre Carvalhais, destemido e dedicado, tomou o pião na unha e revitalizou a romaria. Atualmente, é secundado pelo padre Carlos, nascido em Capitão Felizardo, comunidade vizinha e padre Itamar, pároco de Córregos, também, não muito distante. Além do padre Alessandro, bisneto do criador da romaria, o Canequinha. Neste ano de 2013 estamos aguardando um grande impul-

ARTIGOS

so, com a participação do Cônego Paulo Henrique, novo titular da Paróquia, sacerdote dinâmico e culto, atento para as questões sociais e que compreende e valoriza a história. É um excelente time para as questões religiosas. A administração civil cabe a Luiz Rodrigues de Oliveira, presidente da Associação dos Amigos do Cemitério do Peixe, no que é apoiado pelas comunidades vizinhas: Mandaçaia, Vassalo, Capitão Felizardo, Córrego da Luz...



O Peixe fica, cada dia, mais conhecido. A academia já se tocou, a mestranda da Universidade Federal de Minas Gerais, estudante Lúcia Tânia está escrevendo sua dissertação de mestrado sobre o tema: Cidades Fantasmas, com enfoque especial no Cemitério do Peixe. Ela trabalha sob a orientação do professor José Moreira de Souza, presidente da Comissão Mineira de Folclore. Maria Luiza da Silva apresentou, em 2008, monografia com título Cemitério do Peixe: Origem, Mito e Religiosidade, à Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina, como pré-requisito para conclusão do Curso de História. No site www.afagouveia.org.br você encontra grande número de artigos e de fotos descrevendo e mostrando o Cemitério do Peixe para o mundo.

Padre Carvalhais convida a todos,romeiros antigos e novos, mas, ele quer mais. Ele quer sensibilizar e levar, também, aquelas pessoas que não conhecem o Peixe e, para isso, me pediu que escrevesse sobre a história. Tarefa difícil! As informações orais vão sofrendo alterações ao longo do tempo, vão se modificando e muitas vezes se contradizem. Tenho que juntar os retalhos e costura-los e, muitos deles estão rotos. Rezo a São Miguel, o exterminador de demônios, para que ele destrua os meus demônios, concedendo-me coerência, lógica, discernimento e correção nas minhas afirmações.

Friedrich Nietzsche disse: *Não existem fatos, apenas interpretações.* Aqui, vão as minhas.

Ressalto, inicialmente, que estou escrevendo sobre uma localidade situada na margem esquerda do Rio Parauna, a



montante das corredeiras onde está projetada a instalação de Pequenas Centrais Hidroelétricas. A localidade é denominada Cemitério do Peixe, e, qualificada como Cidade Fantasma, pela academia. Município de Conceição do Mato Dentro e Paróquia de Santo Antônio de Gouveia. Uma a duas centenas de casas que permanecem fechadas durante cinquenta e uma semanas em cada ano, uma delas fica aberta o ano inteiro. Na terceira semana de agosto a situação muda inteiramente; a Cidade Fantasma se transforma num caldeirão, contando cerca de cinco milromeiros vindos de todas as partes do estado

Quando se iniciou este fenômeno e por que neste local?

Trata-se de uma história em dois atos: O primeiro ocorreu ainda no século dezoito, coincide e é consequência da exploração de diamantes no arraial do Tijuco e nas áreas adjacentes. O conjunto das áreas mineradoras constituiu o que se denominou: Distrito Diamantino. Região com legislação própria, governado com mão de ferro pelo Intendente dos Diamantes; regime de terror, considerado uma mancha negra na história de Minas Gerais. A demarcação do Distrito Diamantino, mandada fazer pelo governador da província: Gomes Freire de Andrade, em 1739, formava uma poligonal, com um vértice em São Francisco do Paraúna (Costa Sena), outro na barra do Ribeirão de Areia (próximo de Capitão Felizardo) e um terceiro na barra do Rio Pardo Pequeno (Fazenda da Forquilha); daí, para o Rio Inhai e o rio Jequitinhonha, até fechar a poligonal. Portanto, o Cemitério do Peixe estava fora da área demarcada. Não havia lavras de diamantes a jusante da foz do Ribeirão de Areia. Associar o Cemitério do Peixe à ação de mineradores não tem sustentação!

Durante oitenta e cinco anos de duração do sistema que ordenava e fiscalizava a exploração do diamante, a legislação, no Distrito Diamantino, garantia a propriedade dos diamantes à Coroa Portuguesa e, o Intendente mantinha corpos de tropas em pontos avançados para coibir o contrabando. Ora, a ligação do Distrito Diamantino com o sertão era impedida por grande e quase intransponível cordilheira, com duas passagens conhecidas: Contagem do

ARTIGOS

Galheiro e Cemitério do Peixe, portanto, é provável que um destes corpos de tropas tenha se estabelecido nas imediações destas passagens. Há informações que existe alicerce de construção muito antiga, próximo e a oeste do Cemitério do Peixe. Eu dou testemunho de ter ouvido, quando criança, em Camilinho, as pessoas se referirem ao Quartel do Peixe e não ao Cemitério do Peixe. E mais: Por que as Pequenas Centrais Hidroelétricas, a que me referi, da Hidrotérmica S.A., são denominadas Quartel I, II e III? Porque a comunidade aceita e transmite a informação de que ali se estabeleceu um quartel.



1935 - prisão de Genaro, o valente

Aceita a existência dos militares, fica fácil entender que a intoxicação e morte de alguns deles por ingerir peixe deteriorado era muito provável. Era difícil enviar suprimentos, talvez, a orientação fosse no sentido de os militares cuidarem de seu próprio sustento, através da caça, da pesca e até de algum plantio. Há que pensar, também, na pesca como diversão. A conservação dos alimentos era precária; sal era, naquela época, artigo de luxo. Considerando que alguém morreu, por que transportar o corpo para a cidade? A solução era sepultar ali mesmo. Assim, o local que deveria chamar: Cemitério onde foram sepultados os militares que comeram peixe estragado ficou denominado, simplesmente, Cemitério do Peixe. Estes fatos, se verdadeiros, ocorreram antes da independência do Brasil porque a legislação referente ao Distrito Diamantino foi revogada antes da independência (1822).

O intervalo entre o primeiro e o segundo ato da história durou quase um século. O segundo ato começa em 1915 com a construção da capela de São Miguel e Almas pelo senhor Antônio Francisco Pinto, conhecido como Canequinha. Canequinha era proprietário da fazenda do Vassalo, possivelmente, a maior naquela região e, o Cemitério do Peixe era parte dela. Coloca-se a seguinte questão: Canequinha tinha à sua disposição área muito extensa de terras, por que, então, construir a capela justamente onde foram sepultados os militares? Respondo, salientando que é minha interpretação, aquele cemitério primitivo, de um



O show-Lindomar, encantador de burros

século atrás, continuou sendo usado pela comunidade para sepultar os seus mortos, ligando, assim, os dois atos da história. Não havia outro cemitério. O mais próximo, localizado na comunidade do Tigre foi construído na década de 1860, quando houve um surto de cólera morbus na região.

Canequinha, natural de Camilinho, filho de Antonio Francisco Pinto Mundéo e Idalina Bernardina da Conceição, casou-se com Carlota Augusta de Miranda e, em segunda núpcias, com Rozaura Dumont Pinto; com Carlota gerou oito filhos e Rosaura não teve filhos. Parte da geração de Canequinha reside na região, mas, a grande maioria engrossou o êxodo rural, ocorrido na segunda metade do século XX, principalmente, para Belo Horizonte. Em 1915, Canequinha, casado com Rosaura, construiu a Capela e, possivelmente, a murada do cemitério e fez a doação do imóvel, inclusive os terrenos, a São Miguel e Almas. Conseguiu autorização da Arquidiocese para fazer a romaria que foi realizada pelos padres redentoristas do Santuário de São Geraldo de Curvelo – Padre Carvalhais é um lídimo representante desta congregação de abnegados sacerdotes. Ele serviu durante muitos anos neste Santuário –. A doação, de Canequinha e Rosaura, respeitada por quase um século, foi questionada nos anos recentes. Os santos são poderosos, mas não têm personalidade jurídica e, portanto, não têm competência para ser proprietários. Partes das terras foram invadidas e são irrecuperáveis. Luiz Rodrigues, orientado e apoiado pelo advogado Luiz Dumont, organizou a Associação dos Amigos do Cemitério do Peixe para proteger o que restou.

Trata-se de associação forte e que pode ser muito mais com seu apoio, portanto, em participando da romaria não deixe de procurar Luiz e se associar.

Hoje, com oitenta anos e freqüentando o Peixe desde criança, registro que presenciei tropeiros, vindos de Córregos e Tapera, trazendo café e muars que vendiam para sertanejos vindos da região do Rio Cipó. Havia negócios realizados para pagamento no ano seguinte.

ARTIGOS



2012 - a muvuka

Nenhum documento. A palavra era suficiente para garantir a transação. Presenciei a bronca do padre Gaspar, pregador competente, entusiasta da romaria, mas, inflexível com os rapazes que escondiam as namoradas sob as capas gaúchas, ele bradava: Não aceito estas capas com quatro pernas na minha romaria!. Presenciei os cegos que vinham de Belo Horizonte com seus chocalhos e sua cantoria. Os mascates com as novidades da cidade grande, eu vi, pela primeira vez, um canivete suíço. Tomei muito guaraná quente baixado direto da prateleira e muito xarope de groselha. Apreciei muitos cartuchos – pequenos cones de papel colorido recheados de amendoim torrado, peletes de açúcar com extrato de baunilha ou coisa parecida.



2012-São Miguel abençoa os cavaleiros

A ordem deve ser definida através de normas estabelecidas pela Associação de Amigos do Cemitério do Peixe, limitando áreas de estacionamento, áreas de barracas, áreas públicas, isto é, de interesse de todos e que não podem ser ocupadas por atividades particulares. Fazem churrasco e vendem quinquilharias na frente da Capela nas horas de celebrações. Definida esta áreas há que se contar com a mão firme do senhor presidente da associação, Luiz Rodrigues de Oliveira, com o apoio do Reverendíssimo Cônego Paulo Henrique, titular da paróquia. O Cemitério do Peixe se localiza no município de Conceição, mas, é Paróquia de Gouveia, então porque não somar as forças policiais dos dois municípios? A policia militar é estadual.



década de 1960 - casamentos

A romaria do Peixe, importante do ponto de vista religioso, muitos romeiros, ali, se confessavam, recebiam a eucaristia e ouviam a pregação apenas uma vez ao ano. Importante do ponto de vista social, era ali que os jovens se conheciam, iniciavam o namoro, casavam-se no ano seguinte e, nos próximos, faziam os batizados dos filhos.

Atualmente, as condições são diferentes, muitos jovens, outros nem tanto, não respeitam tradições, costumes, nem autoridades, muito menos os mais velhos. Este grupo tem a



Não é no Peixe: Dom Luciano crisma Andreia, filha do Doutor Raimundo

ARTIGOS

Almas & Almas!

José Moreira de Souza

Júlio Dantas publicou em 1915 uma obra importante sobre a moda. *O Amor em Portugal no século XVIII*. Nessa obra podem-se acompanhar as transformações do vestuário e dos costumes que marcaram nossa história. Esse autor chama a atenção para o que pode ser entendido como contradição nos hábitos de vestir das mulheres. “mulher portuguesa do século XVIII tão pródiga de revelar as maravilhas de carnação dos seus braços e do seu peito, - não pode, sem grave ofensa do decoro e da virtude, mostrar a ponta de um pé.”

A moda, portanto, para mudar teria que levantar a saia das mulheres, sem se incomodar com decotes e mangas que exibiam seios e braços. Outro componente importante de apresentação da mulher eram os cabelos e seu tratamento. Assim, saia curta e cabelo curto indicavam devassidão, convite ao pecado. Passagem garantida ao inferno, com direito ao fogo eterno e aos tridentes dos capetas, diabos, satanás, cornudos e rabudos.

Em Gouveia foi preservado um conto popular que revela o destino das moças que aderissem à moda que insinuava pernas e a visão do pescoço. Eis.

Num povoado distante do arraial, morreu uma moça em plena flor da mocidade. Quatro homens tomaram o corpo, colocaram na padiola e se dirigiram para o enterro que aconteceria na igreja. Ao iniciar o trajeto sentiram um peso descomunal.

- Só nós quatro não daremos conta de carregar nada. Está muito pesada!

Chamaram então todos os homens da vizinhança. Com muita luta, revezando ao longo da caminhada, percorreram menos de uma légua. Aí pararam à sombra de um pau d'óleo, cortaram varas de assa peixe e danaram a surrar o corpo. Não adiantou. Mal percorreram nova meia légua, estavam todos extenuados.

Nova parada, nova surra. Eis que surgem dois rapazes altos e espadaúdos vindos em direção oposta.

- Chegaram na hora certa. Eles podem nos ajudar.

Disse um dos do cortejo.

Sem nem mesmo serem convidados, os dois moços, pegaram, um na frente e o outro atrás, a padiola, como se fosse um saco de pena e disse um para o outro:

- Tá seguro, Tomás.

Resposta:

- Tá seguro até demais.

Aí um dos responsáveis pelo cortejo, vendo que os rapazes andavam apressados, perguntou:

- Ei, companheiros, esperem, nós temos que acompanhar a defunta.

E Tomás respondeu:

- Deixa pra lá. Ela é nossa. Saia curta, cangote rapado, dessas tomara eu mais, dessas tomara eu mais.

E sumiram com a bela defunta para o inferno!

Aventuras de Geraldo Roberto

Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Geraldo Roberto era uma figura interessante, morador da outra banda do Rio Paraúna; ali pelos lados do Rio Congonhas, a sudoeste de Capitão Felizardo. Eu não consegui descrever as características de Geraldo Roberto. Para mim, ele é indescritível, por isso, decidi contar os acontecimentos, nos quais, Geraldo foi o personagem central. Eu o conheci pessoalmente, mas os causos, na sua maioria, me foram contados por Carlos Mauricio Brandão; notável contador de causos que imita, com perfeição e com graça, a voz e os trejeitos de Geraldo Roberto. Mauricio é meu sobrinho por adoção, a esposa dele professora Beatriz é a sobrinha biológica.

Fazenda Capitão Felizardo, venda de secos e molhados de Sô Levindo; Geraldo Roberto, entre uma e outra birita, relata o acontecido; quase sempre atendendo à provocação de algum dos companheiros que já o conhecia

— tresantonte, eu levei uma carga de estacas para consertar a cerca do brejo e tive que voltar ligeiro por causa da chuva. Foi aquele chuvão que vocês viram; trovoada de dar medo; ralamo pra todo lado; pelas bandas do sertão tava escuro como breu. Eu, puxando o burro, apertei o passo pra chegar antes da chuva. Quando eu pisei no terreiro, desabou o aguaceiro, então, correndo, peguei a cangalha, joguei nas costas, a chuva molhando, quando fui entrar na sala, não consegui, a cangalha embarçou no travessão da porta e não deixava eu entrar. Pensei! A cangalha cresceu! Olhei pra cima e vi, o burro com as pernas para cima, não haveria de caber na porta, né mesmo? Eu tinha esquecido de soltar a sobre carga.

José Diniz, próspero fazendeiro do sertão de Ponte do Paraúna, hábil comerciante de gado, sempre tocava um lote de bezerras e corria o trecho: Camilinho, Capitão Felizardo, Congonhas, Tapera, Sapo e Córregos, vendendo fêmeas para os pequenos proprietários rurais e comprando os machos para recria e engorda nas suas invernadas. Neste dia, arranchado em Capitão Felizardo, negociava com Geraldo Roberto, uma besta de sela por algumas bezerras. O comprador de animais de sela, principalmente muares, tem muito cuidado porque é voz corrente que “burro não amansa, burro acostuma”. Dependendo do domador o burro pode aprender manhas: dar coice no estribo quando se vai montar; morder quando se lhe aperta a barrigüeira; não deixar por o cabresto porque não se pode tocar-lhe as orelhas, diz-se que o animal tem nica ou é sestroso. Tem burro que empaca, que refuga, que faz pirraça. Tem burro que salta para tirar o cavaleiro, que dá de popa quando se lhe apertam as esporas. Pregar ferradura em burro é um processo complicado. O trabalho é feito por uma dupla de homens trabalhando de forma sincronizada, o mestre ferrador e seu ajudante que segura a pata do animal com o casco posicionado para cima. O mestre acerta o casco com uma ferramenta, o puxa-avante. Eu penso que nome mais

ARTIGOS

acertado seria puxa-para-fora, porque enquanto o mestre acerta o casco do animal se ele não faz um movimento de meia-lua ele acaba cortando a barriga do animal ou o braço do ajudante que estão bem à frente do tal de puxa-avante. Acertado o casco, aparada as bordas com a torquês e a grosa – equivalente à lixa de unhas - segue a operação de bater os cravos. Aí é que mora o perigo: se sair muito baixo a ferradura se solta, se muito alto, atinge a parte sensível do casco e o animal vira bicho. E, se ele, naquele momento, luta para soltar a pata da mão do ajudante com seis pontas de cravos cortantes, ali bem próximo da mão e da perna de apoio, torna a operação perigosa.

Voltando à trama com Geraldo Roberto, José Diniz que já fora tropeiro e, como se diz, nasceu os dentes trabalhando com tropa, sabe tudo de burros e afins, faz a clássica pergunta: — Geraldo, e pra ferrar, a besta é mansa? — E Geraldo Roberto, com o jeito angelical, e tom de surpresa, responde —Oia Sô Zé, é mamãe que segura!!!

Luiza, irmã de Geraldo Roberto, viúva e mãe de Maria. Maria, com idade de casar, vai à festa de Santa Cruz de Camilinho e lá fica conhecendo Pedro Teles. Os jovens se entendem e passam juntos os dois dias de festa, tomam guaraná na barraquinha, participam da quermesse, dançam no forró, acompanham os ofícios religiosos e, ao final, marcam encontro na casa de Maria para conhecer a D. Luiza. No sábado combinado para a visita, Pedro se apronta, acerta a crina da besta baia e capricha nos arreios: cabeçada de sola branca com passadores de níquel brilhando depois de polidos com Kaol; cabresto de couro cru trançado por mestre Pedro de Neco Custodio; rédea de crina com fios torcidos em separado, brancos e pretos; sela curvelana com bordados de cores branca e preta; peitoral com peças de sola branca .unidas com argolas, também polidas; Na garupa, alforje com uma muda de roupa, a passagem do Rio Paraúna, no fundo do Cemitério do Peixe é traiçoeira e, muito funda, pode molhar a calça do viajante menos avisado. E mais, na capoteira, a capa gaucha marca Ideal, com o emblema dos três coqueiros. Sobre a sela, um grande couro de carneiro, curtido, de cor vermelha. Isto era o fino da época, Afinal Pedro era filho e herdeiro de Chiquinho Teles, por sua vez, dono da fazenda do Cedro que se estendia de ambos os lados do Córrego do Cedro desde a Vereda até sua foz no Córrego da Sepultura. Pedro, agora, cuida de si: barba feita no capricho, cabelo com brilhantina, camisa de seda de manga comprida, calça de brim cáqui, polainas, esporas chilenas, chapéu Ramenzoni três Xs cor de lebre.

Na outra banda do Rio, Luiza se preparava, casa pobre, mas tudo muito limpo: varreu o terreiro, passou barro branco no fogão de lenha, caprichou na casa toda. Já havia programado o jantar e foi preparar, em especial, o quarto de visitas. Colchão de palha de milho, através da abertura que chamam de “manera”, Luiza descompactou as palhas e colocou cada uma na sua posição, o colchão, no final, media mais de palmo de altura. Lençol alvejado, branco que doía nas vistas, colcha ou cobre leito azul claro e por cima de tudo aquela colcha de crochê que, no passado, fora de sua avó. Aquilo ficou lindo, o azul salientando através do crochê imaculadamente branco.

Fronha bordada com florais, também azuis, encapando travesseiro de marcela, com aquele cheirinho gostoso. Luiza olhou e gostou. Cama como esta nem na casa de João Baiano quando se preparam para receber o arcebispo Dom João de Souza Lima. Ela havia de ajudar Maria a ganhar o Pedro, afinal bons partidos não estavam dando sopa por ali. Ao bater da porteira do alto, mãe e filha, já de sobreaviso saem para o terreiro e aguardam a chegada de Pedro. Ele chega, apeia, fica em dúvida se tira as esporas e cumprimenta a namorada ou se cumprimenta a namorada e depois cuida das esporas. Decide pelo cumprimento e sai arrastando as esporas. Ai, um pouco de embaraço, a quem cumprimentar primeiro a namorada ou a mãe dela? Maria é esperta e toma a dianteira, cumprimenta Pedro e o apresenta à mãe. Esta fica em dúvida: recebe o chapéu ou cumprimenta, mas tudo se resolve e mais tarde riem dos embaraços do primeiro encontro. Tudo seguia conforme os planos traçado por Luiza. Na pequena casa tudo era paz e amor. Até à noitinha, quando chegou Geraldo Roberto, irmão de Luiza e tio de Maria. Chegou e, sem cerimônia, anunciou: estou muito cansado, esta noite vou dormir aqui! Luiza foi ao além e voltou. Logo hoje! Que vontade de dar umas tapas naquele irmão e fazê-lo correr dali, mas a presença de Pedro a inibia. Sorriu um sorriso sem graça e foi logo cuidar de montar uma cama Patente, com algumas molas soltas, que estava encostada no canto do quartinho de despejo. Arrumou como pode a cama no quarto de Pedro, só tinha um quarto, o outro era ocupado por ela e Maria. Terminada a tarefa, ela anunciou — Geraldo, sua cama está pronta, vá descansar. — Luiza fazia tudo para afastar o irmão que, de forma enxerida, estava a provocar o Pedro. Quando o Pedro dizia pedra ele falava tijolo, quando Pedro dizia abóbora ele falava miolo. Bem no estilo dos repentistas nordestinos em disputa nas cantorias. Sentados em tamboretas individuais, Luiza não tinha condições de pisar no pé nem mesmo dar um beliscão corretivo no inconveniente irmão. Algum tempo depois, Geraldo sai pela porta da frente e vai, conforme o costume da época e da região, verter água, no curral ou em algum canto do muro. Luiza se sente aliviada, mas considerando a demora em retornar ao grupo imagina que ele possa ter voltado e entrado direto no quarto de dormir. Vai ao quarto e comprova suas suspeitas: Geraldo refestelado na cama do Pedro.

— Geraldo, pelo amor de Deus, esta cama não é a sua. Esta é a do Pedro — e ele com a cara mais ingênua do mundo.

— Não, Não precisa de cama melhor, não! Esta aqui mesmo tá boa! — Luiza tinha que falar baixinho, implorava:

— Geraldo, por favor, passa para a outra cama! Colabora comigo, sou sua irmã!

Geraldo foi, magoado, com raiva e pensando como dar o troco naquela irmã ingrata que dava a cama melhor para um estranho. Luiza, esperta, ajeitou a cama de Pedro, dobou a colcha de crochê, estendeu o cobertor, retornou parte superior do cobre leito sobre o cobertor e saiu do quarto, tranqüila como se tivesse feito apenas rotina.

ARTIGOS

A vingança de Geraldo Roberto não demorou, poucos dias depois, ao entrar na venda de Sô Levindo, logo, um provocador perguntou:

— E Aí Geraldo! Como foi aquela história de você deitar na cama errada na casa de Luiza? — e Geraldo respondeu:

— Pois é! Eu deitei na cama, lá no quarto, e, quando o dia clareou eu acordei debaixo da mangueira, lá no fundo do quintal!

— Como é que foi esta história? — e Geraldo

— Purga! Tinha tanta purga que elas me carregaram lá prá debaixo da mangueira!

Firmininho, cunhado de Geraldo e de Luiza, tropeiro, tocava um lote de burros, sociedade dele com Antônio Dumont, um dos proprietários da Fazenda do Vassalo; não gostou daquela conversa de Pulgas na casa da cunhada e chamou Geraldo Roberto às falas. Brigaram feio, mas Geraldo sabia que o cunhado era mais forte, física e economicamente e não lhe convinha bater de frente com ele. Mas, também, não era o tipo de levar desaforo para casa. Devia haver algum jeito de dar o troco no Firmininho e na outra irmã. Geraldo Roberto, então, se lembrou da cachorrinha, magra, caolha, manca de uma pata. A cadela o acompanhava para todos os lugares, sempre a uma distancia segura de 2 a 3 metros. Geraldo andava a cadela andava, Geraldo parava a cadela parava. No início, a cadela tentou se aproximar e foi contida com tapas, então, ficou condicionada: anda quando o dono anda e para quando ele para, sem maiores intimidades.

Nome da cachorrinha?

Sonia, isto mesmo, Sonia, não por coincidência, o mesmo nome da filha de Firmininho, e sobrinha de Geraldo.

No dia do troco Geraldo Roberto e sua cachorrinha zambeta passam à frente da residência de Firmininho. Geraldo anda a cachorrinha anda, Geraldo para a cachorrinha para. Geraldo abre a porteira de bater, bem à frente da casa, e para segurando a porteira. A cachorrinha para e começa então a provocação. Geraldo gritando:

— Anda Sonia, cachorra magrela e bernenta! Oi Sonia cachorra porquera – para não dizer coisa mais feia –, eu não tenho tempo para ficar te esperando — a cachorrinha nem fé deu. Ela estava condicionada e era este o propósito de Geraldo.

Vianinho, casado com Zaita sobrinha da segunda esposa de Caniquinho, por direito de herança e por aquisição de partes tornou-se proprietário da maior parte, inclusive a sede, da fazenda do Vassalo, antiga residência do lendário Caniquinho. Vianinho tinha um jeep Willys, daqueles importados, capota de lona, modelo 54. Aliás, era o único daquelas paragens. Da banda de cá, Cupertino Ribas e Betinho, cada um, tinha o seu, mas da outra banda era só Vianinho. Não havia estradas, muito menos pontes no Rio Paraúna. Ponte era uma coisa tão extraordinária que dava nome à localidade onde ela era construída, assim São Sebastião do Paraúna era mais conhecida como Ponte do Paraúna. Isto era no sertão, em cima do espinhaço só era possível a travessia do rio no Vau do Carro, assim chamado porque era a passagem usada por carros de bois.

Geraldo Roberto se levanta de madrugada e vai até à fazenda do Vassalo, pois, sabia que naquele dia Vianinho ia, no jeep, para Gouveia. E ele estava a fim de uma carona.

— Impossível! Geraldo, nós somos quatro e não há mais lugar – dizia Vianinho.

— Sô Vianinho! Tenha paciência, vou buscar remédio, minha mãe ta doente.

Vianinho conhecedor das manhas de Geraldo, não cedeu e até de forma brusca despachou Geraldo

— Geraldo! Escuta! Não tem jeito e fim de papo.

Geraldo que antes implorava, agora, solta os cachorros.

— Oia aqui Sô Vianinho! Eu só peço a Deus pra me ajudar, vou até passar na Capela de Capitão Felizardo e rezar Ave Maria. Porque o dia que você for para Gouveia e despejar aquele chuveiro eu vou para a beira do Paraúna para ver você entrar no rio e ele rodar você com seu jeep e tudo. Enquanto você afogando, descendo rio abaixo; eu corro pela beirada, até você agarrar num galho de pau, então, eu chego e falo: este já tem dono e corto ele com uma foicada só.

Mas, como dizem: Praga de urubu magro não mata cavalo gordo. Geraldo ficou só na vontade. Nada aconteceu com Vianinho.

No domingo Geraldo foi, como sempre, à venda, para o aperitivo. Conversa vai, conversa vem até que alguém lhe pediu:

— Então Geraldo! Quais são as novidades?

— Pois, eu comprei uma espingarda polveira, destas de carregar pela boca, espalhadeira que só ela. Assim, coisa de dez metros, ela abre uma roda de chumbo que você nem acredita. Carreguei a espingarda e atirei no bando de rolinhas. Agora, você adivinha quantas rolinhas eu matei?

— Três! Geraldo, você matou três rolinhas.

— Que que é isto!? Põe rola nesta história! Oia, foi tanta rolinha morta que passei a noite limpando rola e no outro dia ainda tinha rola dura para limpar.

Este texto foi encaminhado em 2011 conforme comento:
10/09/11 Doutor,

Você conta história melhor que o Geraldo. Seria bom a gente ilustrar tudo isto com fotos ou gravuras. Imagine a ferração ilustrada do burro, ou o cara carregando a cangalha e o burro ao mesmo tempo? Ou ainda, o colchão de palha de milho, a cama patente, o jeep 54... Tou em Gouveia, atravessei uma nuvem seca de 38 graus na estrada. Cheguei seco...

Aqui no hotel não tem lugar para ninguém. Vou dormir debaixo da escada. Coisas de Medalha JK. Todas as vagas foram reservadas para 70 milicos que vêm acompanhar seu Nastasia - o governador. Ele mesmo não quis ficar por aqui. Preferiu os péssimos aposentos do hotel Garimpo.

Um abraço,

José Moreira de Souza

ARTIGOS

Pedro de Neco Custódio

Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Tenho relatado alguns casos e, em todos eles, procuro salientar as estripulias do personagem principal. Agora, é diferente, não conheço qualquer travessura de Pedro Custódio, o que não garante a inocência dele. Pedro, exímio trançador de couro, dispunha de um conhecimento que será perdido se não cuidarmos do seu registro. Tentarei reconstituir este conhecimento.

No Museu de Artes e Ofícios – MAO, importante centro de Cultura Popular, tem um utensílio, foto e definição na figura.



Corda comprida, confeccionada a partir de tiras de couro trançadas

Isto me recorda a afirmativa do ilustre professor José Moreira em solenidade na sala do tele-centro em Gouveia: “Cobu da Gouveia não é uma simples broa de fubá. Cobu da Gouveia tem cultura”. Naturalmente, ele se referia ao fato de o cobu, em Gouveia, ter sido, originalmente, feito por negros escravos da Nação Cobu. Por analogia, afirmo: A corda confeccionada por Pedro Custódio não é uma simples corda. É um laço que tem beleza, tem arte, é um mimo embalado no orgulho do artesão trançador. Para trançar um laço, usava couro de bovino jovem, couro fino e macio. Pedro afirmava que o couro ideal era de veado mateiro, mas a caça ao veado era muito difícil; coisa de gente rica, dependia de matilha de cães treinados, boas cartucheiras mas, nem todos tinham este privilégio. Caçadores famosos eram os Ribas, de Gouveia – João e Cupertino; os Dumbá, da fazenda Barreiro – João e Antônio. Para trançar couro de veado havia ainda dois outros complicadores: primeiro, o caçador gosta de manter o couro da caça como um troféu; segundo, o caçador atirava com cartucheira, espalhando chumbo e perfurando o couro. Não havia muito como aceitar o conselho: atirar na cabeça para não estragar o couro.

O primeiro passo na confecção do laço é preparar o couro. Apara-se o couro cortando as partes correspondentes às

pernas, à cauda e ao pescoço; resta, então, após eliminar as aparas, uma peça arredondada, em seguida, raspada para eliminar os pelos. Usa-se uma raspadeira, simples cunha de madeira, friccionando o couro no sentido contrário ao de crescimento dos pelos. Adiciona-se um punhado de cinzas de fogão a lenha sobre a área que está sendo raspada. Cinza é abrasivo muito fino e não marca o couro. Agora, a parte mais difícil: cortar o couro em tiras com cerca de cinco milímetros de largura. Operação que exige habilidade, paciência e determinação. Posição incomoda: joelho esquerdo apoiado no chão, calcanhar direito apoiado sobre o couro para prendê-lo; a mão direita, empunhando a faca de sapateiro, passa por baixo da perna e corta a tira, mantida e puxada, firmemente, com a mão esquerda. É imprescindível que se mantenha a largura uniforme da tira de couro, por todo o seu comprimento. Que medida deve ter o comprimento? Pois é! A toada do Cavalo Preto, ícone da música sertaneja, é mais ou menos assim: Tenho o meu cavalo preto/ com nome de ventania/ tenho um cachorro bragado/ para minha companhia/ um laço de doze braças/ do couro de uma novilha. Doze braças é cerca de vinte e seis metros, mas as tiras devem ter comprimento a mais para compensar o fato de serem trançadas, portanto, não estão esticadas.

Cuida-se que, as oito tiras para compor a trança sejam cortadas assim: um passo de cada vez: primeiro passo, corta-se a primeira tira, coisa como trinta centímetros, em seguida a segunda, e todas as outras; repete no segundo passo, garantindo assim que terminem unidas, no mesmo ponto, e com comprimentos quase iguais. O corte do couro exige precisão e segurança, qualquer escorregão, o trabalho está perdido; laço não pode ter emenda; a laçada tem que correr livremente na argola, senão o boi se solta. A rapidez em fazer o laço correr é fundamental quando não se lida com gado manso.

Terminada a parte mais estressante toma-se a ponta do laço, a parte do couro que foi dividida em oito tiras, fixa-a sobre uma estaca e inicia a faze de quebrar as quinas das tiras, só as quinas do lado externo, o lado onde havia pelos. Com a faca afiada faz-se o corte em bisel, muito fino, aproximadamente metade da espessura da tira, dando uma forma abaulada à sua face externa. Em seguida, usando duas peças roliças de madeira, dois toletes polidos, segura-os, apertados, com as duas mãos e faz cada tira passar por entre eles, em todo o comprimento; o par de toletes funciona como duas moendas de engenho. Esta operação é importante para uniformizar a espessura das tiras de couro. Ao terminar esta faze do processo, tem-se, em mãos: uma peça de couro dividida em oito tiras, cada uma com cerca de cinco milímetros e trinta e tantos metros de comprimento,

ARTIGOS

até agora, processadas individualmente. Para juntá-las na trança faz-se necessário algum cuidado para que não se embarquem. Há sempre o risco de se enrolarem tornando a situação mais crítica do que crina de cavalo mordido por morcego. Os morcegos têm o péssimo hábito de sugar o pescoço do cavalo, enquanto fazem cafuné na crina, resultando desta operação um bolo de cabelo que não se desfaz com escova nem com raspadeira. Só cortando.

A solução: cada tira é enrolada sobre si mesma formando um novelo, do qual se vai puxando a ponta interna sem desmanchá-lo, assim, a situação fica mais cômoda.

Faz-se, agora, a trança propriamente dita: A ponta da corda continua fixada na estaca. As oito tiras, divididas em dois conjuntos, cada conjunto na palma de uma mão, ali, mantidas ordenadas: primeira, segunda, terceira e quarta. Toma-se a primeira tira da mão direita e a faz passar exatamente no meio das quatro tiras da mão esquerda e voltando para a mão direita, na última posição. Repete a operação com a primeira tira da mão esquerda passando no meio das quatro tiras da mão direita e voltando para a última posição da esquerda. Repete, repete e repete!

Cançado? vá até a cozinha toma café, coma broa de fubá com queijo, dá um beijo na mulher e volta revigorado. Não há café? Cêa você mesmo, coma a broa com queijo e deixa o beijo para depois.

Algumas observações: primeira, o laço trançado, conforme orientação dada, tem a seção transversal quadrada, característica ruim, ele não desliza na argola ou no esteio. Então, corta a nona tira de couro, independente das oito componentes da trança, umedeça e torça esta tira. Depois de seca, use-a como miolo do laço; desenvolvendo a trança no entorno dela, isto é, cada vez que uma tira é passada de uma mão à outra e volta ela envolve o miolo. Antes a trança era desenvolvida em torno do nada. A trança fica redondinha, redondinha. Segunda observação, ao trançar o couro deve-se manter as tiras úmidas, sem encharcar. O couro úmido cede, isto é, espicha e, a trança fica mais firme. Terceira e última, oito é o número usual, mas, pode-se fazer a trança com qualquer número par de tiras, a trança de quatro é grosseira, coisa de principiante; a trança de seis, mais fina, é usada para chicote, também conhecido como taca: a trança de aproximadamente metro e meio encastada na madeira, o porrete. A taca é usada para tocar animais. Para porrete, recomenda-se o tronco de arbusto conhecido como três folhas. Dizem que um pequeno furo no pé do porrete e, nele, colocando um dente de cobra, transforma-o em uma arma eficiente, muito boa numa briga: cada paulada na cabeça do adversário é uma queda. Terminada a trança fixa-se, na extremidade dela, uma argola de metal, coisa de cinco, seis centímetros de diâmetro, para formar a laçada. As oito tiras se cruzam por dentro da argola, quatro de cada lado, e voltam no sentido da corda trançada, aproximadamente, dois centímetros e, aí, faz-se a trança

tipo esteira. O que caracteriza uma esteira? Fios longitudinais e fios transversais se movimentando por baixo e por cima, que nem corrida de golfinho. Cada uma, das oito tiras, volta dois centímetros no sentido longitudinal, é então, dobrada para se transformar na tira transversal. Cada tira uma vez dobrada passa por cima da tira anterior mantendo-a fixada. Agora, postas as tiras longitudinais e, elas mesmas, dobradas formam as tiras transversais é só ir passando uma sobre a outra. Na esteira, apenas, uma peça se movimenta, aqui, são oito peças. Leve todas, em sequência, um passo de cada tira. Está pronto o laço que vai, agora, enfeitar os arreios de algum vaqueiro, antes é submetido a um tratamento. Serviço do próprio vaqueiro: ele unta o laço com sebo de bovino retirado da virilha, deixa o laço sob o sol para que o sebo infiltre na trança, limpa-o cuidadosamente, enrola e pendura na sela. Este tratamento confere flexibilidade e resistência à corda. Os laços de Pedro Custódio não são apenas beleza e arte. São peças imprescindíveis nos currais de gado de corte. Instrumentos de uso constante do vaqueiro. Foi assim, numa manhã ensolarada de janeiro, vaqueiros acabam de prender o gado que trouxeram da Fazenda do Cedro, comprado por João Baiano, naquele mesmo dia, ele próprio no comandando dos vaqueiros, elegantemente montado na sua besta dourada. Oitenta bois azebuados com quatro e mais anos, ariscos, mal acostumados com currais, quebradores de cercas e de arames, gado erado difícil de trabalhar. Chiquinho Teles, o compadre Chiquinho dono da fazenda do Cedro, não era o que se podia considerar criador cuidadoso. O gado já devia ter sido embarcado para frigorífico, tinha idade, mas ainda não tinha carne. Estava magro.

João Baiano, orgulhoso de suas coisas, fechou a porteira e, desafiou os bois: Quero ver quebrarem este curral! Realmente, curral de esteios de aroeira com réguas de peroba fixadas com parafusos de rosca soberba, daqueles usados na estrada de ferro para fixar trilho no dormente. Sair dali! Só com asas!

Os vaqueiros se lavam na bica de água, atrás da cozinha, almoçam e voltam ao curral para marcar o gado. Esta era a festa. Aí, os laços de Pedro Custódio são utensílios fundamentais. Zico, filho mais velho de João Baiano, hábil lançador, coloca-se à frente dos vaqueiros com seu laço preparado, aquele era o seu laço, ninguém tocava nele. Segura com a esquerda a rodilha do laço, com a direita prepara a laçada, a mão a um palmo da argola e bolea, isto é, faz a laçada rodopiar acima de sua própria cabeça, assim, consegue atirar o laço a uma distância maior; procedimento que segue o mesmo princípio do esportista lançador de disco. Zico mantém o padrão: cada laçada é um boi preso. Faz, com o laço, uma volta em torno do esteio, no centro do curral; dois vaqueiros se aproximam e tocam o boi, e fazem com que ele se aproxime do esteio; um deles faz a peia, com outro laço de Pedro Custódio, o outro segura a

ARTIGOS

cauda e puxam, os três, ao mesmo tempo. O boi cai, sempre, com o lado direito para cima; a marca com ferro em brasa é feita na perna direita. O animal imobilizado, João Baiano se aproxima, caminhar característico, mancando de uma perna. Pois é! Cavalos caíram sobre a perna direita dele numa passagem de córrego na sua fazenda do Paiol, ali próximo da Onça. Na mão o ferro em brasa, sobe fumaça e o cheiro de cabelo queimado. João Baiano fica, ali, um instante, parado e observando aquela marca, aquele carimbo: 915 e recordando que, no ano 1915, seu patrimônio era apenas um animal, agora são centenas deles. Eu, ainda jovem, para aquela lida, tinha a função de cuidar da fogueira para esquentar o ferro de marcar; permanecia do lado de fora do curral e entregava o ferro em brasa através da cerca. Percebi a emoção do meu velho e falei: — Ai, meu Pai! Mais um 915! Já inteirou mil?? E ele responde:

—Não! Mas, estou chegando lá!

Período de férias de verão, pendurados na cerca do curral a meninada de Camilinho e mais alguns desocupados, daqueles que adoram ver os outros trabalhando. Mais da metade do gado já estava marcado. A atenção do laçador redobrada para não laçar boi carimbado e também para esquivar daqueles que não estavam satisfeitos com a perna ardendo. O laçador procura o boi, observa se tem carimbo, observava se o boi está sujo de esterco, ou se tem a cauda aparada, que era também um identificador. A meninada, quer ajudar e faz algazarra, gritando todos ao mesmo tempo:

— Zico, veja o amarelo com chifre quebrado! Zico, o raposa com cara de vaca! Zico, o boi da cara branca! o guzerá! O vermelho parecendo boi de carro! João Baiano era o único com poder para acabar com aquela farra, mas ele não faz isto. O grupo era de sobrinhos e de afilhados, além disto, ele estava feliz, tinha feito um bom negócio: aquela boiada erada, grande, tinha caixa, estava magra, mas colocada nos seus pastos da Limeira, ali, pouco abaixo da cachoeira do Parauna, onde o capim jaraguá estava ondulando ao sopro da brisa, com certeza os venderia em Maio com quatro a cinco arrobas a mais. Pedro Custódio era um trançador habilidoso, além de laços, ele fazia excelentes cabrestos com duas peças trançadas, testeira plana, látego comprido. Fazia, também, sofisticados chicotes de montaria, com cabo de madeira e a trança se desenvolvendo em torno dele, acabamento caprichado, com argolas na extremidade para fixar a tala, larga de couro trançado, de um lado e a pulseira, também trançada, do outro.

Este artigo foi publicado na edição Carranca 2_13 em homenagem da Comissão Mineira de Folclore aos 80 anos do Doutor Raimundo

Professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Se a brilhante ideia do doutor Waldir tivesse se resumido apenas em congregar os milhares de gouveianos dispersos pelo mundo, somente isso já o teria eternizado. Partir e retornar. A perda de raízes é uma catástrofe.

Mirem-se no exemplo de nosso velho murungu. Raízes carcomidas, tombou de pernas para o ar. Há árvores, como o fícus, que desenvolvem raízes aéreas. Creio que o fícus é a marca do migrante bem sucedido. Cresce, torna-se frondosa, mas firma-se na terra, busca nas profundezas do solo o sustento principal.

Acompanhei o doutor Waldir em visita à Gouveia. Nossa Gouveia. Andou pelas ruas, saudou antigos e novos; reconhecia em todos as raízes que favoreciam o reconhecimento.

- Você é novo para mim; mas é filho de quem?

Estava iniciada uma grande conversa.

Não poderia deixar sem visita a casa de seus pais – Antônio Almeida e dona Zenília -. Ali residiam Lindeia Ribas e Alberone Oliveira. Para Waldir cada milímetro favorecia a circulação da seiva da vitalidade. Ao chegar ao pátio suspirou admirado:

- Aqui era um curral!

O doutor Waldir tinha inúmeras raízes aéreas. A peregrinação pelo mundo, como cientista, clínico, homem e cidadão, o fazia sonhar com uma paisagem diferente para Gouveia. As raízes aéreas traziam à imaginação uma cidade toda ajardinada, tal como as das Serras Gaúchas. Outra raiz também aérea lhe insinuava frequentemente que Gouveia deveria ter uma “Casa do Gouveiano”.

Raízes aéreas são assim. Sonhos. Todos nós migrantes sonhamos com uma Gouveia diferente. Puro sonho.

Tive a honra de ser uma das primeiras pessoas procuradas pelo doutor Waldir para amadurecermos a ideia de fundação da AFAGO. Foi no ano de 2004. Ao longo de 2005, concretizaram-se reuniões. Doutor Waldir cuidou de se informar dos números dos telefones de pessoas – “quero só o número”, ele insistia, “o telefone fica na casa dele” -. Nessa oportunidade, conheci/reconheci o professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves do Camilinho. Valeu!

Raízes profundas nos unem. Raimundo é sobrinho de Hermano Fernandes Chaves, a quem meu pai escolheu

ARTIGOS

como meu padrinho de batismo no ano de 1941. Coincidentemente, Raimundo tem o mesmo nome de meu pai - Raimundo Moreira de Souza - e de minha avó materna - Raimunda Ferreira Mascarenhas.

Novas raízes centenárias: a família Pinto Chaves é uma das primeiras a ocupar terrenos nas proximidades de Gouveia, no ano de 1719, na região que compreenderia Tombadouro e Capitão Felizardo - logo o futuro Cemitério do Peixe. A família Moreira de Souza chega à mesma região, no final desse mesmo século, por volta de 1790.

Disse ao doutor Raimundo que os Baiano voltaram às raízes. Vou ao caso. A cada vez que viajava à Gouveia, Gouveia, não; ao Camilinho, nosso doutor retornava cheio de novidades. Festas juninas em Capitão Felizardo, Folia de Reis, Santa Cruz, em Camilinho, e o legendário Cemitério do Peixe. Muito antes disso, o doutor havia se dedicado ao estudo da escola em Camilinho. Para esse estudo, frequentou os documentos do Arquivo Público Mineiro. Leu atentamente os registros paroquiais da Lei de Terras de 1850 e tornou-se especialista na interpretação da estrutura fundiária de Gouveia. Encontrou seus ancestrais.

Em artigo publicado no Boletim V-11, Raimundo homenageia o pai - João Baiano. Vale a transcrição resumida:



Dezoito de outubro de 1890, nasceu João, filho de Exupério e Ana Angélica Fernandes Chaves. Zona rural, comunidade de Bonito, hoje florescente cidade de Igaporã, sertão da Bahia a meio caminho entre Caetité e Bom Jesus da Lapa. Terra inóspita, comunidade pobre, família ainda mais pobre, criança lutando pela sobrevivência. Entre 1895 e 1897, aconteceu a grande seca, Exupério tomou importante decisão, juntou a família e partiu, caminhando pelos caminhos de Guanamby, Espinosa, Monte Azul e Riacho dos Machados. Andando para o sul e puxando para o nascente foi dar com os costados em Itamarandiba, vale do Jequitinhonha. Saltou da panela e caiu no fogo. Ali, em Itamarandiba, possivelmente cooptado por Juscelino Pio Fernandes, o coronel Sica, gerente da fábrica de São Roberto e genro de Leonel Alves Ferreira, um dos sócios da fábrica; certamente, arregimentando famílias numerosas para o trabalho.

João, agora, é o moleque da casa de Sica. Moleque, aqui, tem nada a ver com pivete, moleque é o faz tudo, o pau para toda obra: apanhar lenha, varrer terreiro, arear

panelas, dar recado, limpar e abastecer lamparinas de querosene e jogar pinico fora. Não propriamente o pinico, mas o conteúdo. João, ainda jovem, perdeu o pai e se fez o responsável pela família, na condição de filho mais velho.

No ano de 1915, com o dinheiro juntado com perseverança, comprou um burro. E, agora, usando o tempo antes e depois do horário de trabalho como empregado, trazia lenha das matas do Batieiro para o fogão da mãe Ana Angélica e para vender na rua. Sua propriedade era apenas um animal, mas deveria ser marcado com ferro em brasa; era o seu burro e seu orgulho mandava que o marcasse. O costume é imprimir, a fogo, na perna direita do animal as iniciais do proprietário, mas João optou pelo ano de sua vitória e encomendou o carimbo 915. Naquele ano ele marcou um único animal, mas nos sessenta anos seguintes ele marcou milhares de bovinos, equinos e muares. Empregado de Sica e vendendo lenha juntou o suficiente para adquirir a segunda besta, a terceira e, assim, mais bestas maior condição de transporte, mais receita e mais bestas. Nesta altura, João, com dez bestas, já era dono de um lote e se transformou em tropeiro. Comprando café na Zona da Mata:

Sabinópolis e Serro e transportando para Curvelo. Ali, vendia o café e comprava produtos industrializados, chegados pela estrada de ferro: farinha de trigo, cerveja, arame e querosene.

Chamo a atenção dos leitores para os seguintes artigos publicados em diferentes edições deste Boletim: As Bifurcações de Gouveia - e as minhas; De Camilinho a Capitão Felizardo; Meninos de Camilinho, Jubileu de Cemitério do Peixe 2012.

Cada um desses artigos rendeu muitas conversas:

17/08/2011

Grande Doutor,

Nessa mexida com peixes envenenados, encontrei um saudável que pode lhe interessar. Você diz que os Chaves chegaram da Bahia. Agora eu digo que eles retornaram de lá. Veja este documento: Carta de Sesmaria de Manuel Pinto Chaves. Registrada no dia 23 de maio de 1719. Informa que o referido Manuel detém uma sesmaria na "Parada onde faz barra o Rio Congonhas no Rio

Paraíba”. Exatamente onde se localiza o Cemitério do Peixe. A serra naquele tempo se chamava “Serra Grande dos Galheiros”.

Gostou? Com isto eu quero dizer que os Pinto Chaves foram os primeiros moradores daquela região e que seu pai apenas retornou ao lugar de origem.

Um abraço,

José Moreira de Souza

Moreira,

No meu tempo de universidade, lançaram uma série de livretos com título de O Coiote. Uma espécie de Zorro. O coiote era um nobre californiano chamado D. Cesar de Echague. A esposa de D. Cesar faleceu e ele se casou com a filha do mordomo. Todos estranharam a atitude dele: Um nobre casar-se com a filha do mordomo!? Mais tarde descobriu-se que o sogro de D. Cesar, que se chamava Juliano, era de sangue muito mais nobre do que ele e herdeiro de imensa fortuna no México. Quem sabe, com suas pesquisas, não descobrirei, afinal, a minha nobreza. Quero mais informação sobre o assunto.

Um abraço

Raimundo Nonato

Grande Doutor,

Você é nobre mais de uma vez. Eu priorizo a primeira: Sua pessoa é nobre acima de todas as linhagens. A fazenda do Camilinho teve como primeiro proprietário da Sesmaria a João Baupista Coelho. A sesmaria foi concedida em 1740 por Gomes Freyre de Andrade, mas a do Manuel Pinto Chaves, o foi pelo Conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida e Portugal, logo que ele veio às Minas para regularizar os motins de Vila Rica. Além disso, você tem que ser devoto de Nossa Senhora Aparecida, porque foi durante a sua (dele o conde) vinda para as Minas que pescaram peixes (desta vez não estavam envenenados) nas águas do Rio Paraíba, no local chamado Potim de Itaguassu, próximo à vila de Santo Antônio do Guaratinguetá. Eu vou copiar as páginas 14, 15, 15 e 17 da carta do Conde de Assumar no Arquivo Público Mineiro para você colocar num quadro. A cópia disponível na internet é de péssima qualidade, como deve ser o original. O ano é 1719.

Um abraço,

José Moreira de Souza

Para concluir, divido minha admiração pelo nosso “Magnífico professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves” com todos os leitores. Ao celebrar 80 anos foi mostrado pelas filhas, netas e pela esposa como o mais novo personagem a ingressar nessa faixa etária. Uma das cenas mais comoventes do vídeo preparado pela Andreia mostra o jovem doutor em práticas de esportes radicais – coisa recente -. vejam e confirmem em www.afagouveia.org.br/RNMC.mp4.

Razões para a dificuldade e resistência à prática da meditação

Quais seriam as razões para tamanha resistência à prática da meditação, já que as pesquisas indicam diversos benefícios cardiovasculares, neurológicos e psicológicos? Sabemos que as alterações neurofisiológicas benéficas são capazes de mudar o cérebro em questões de minutos mediante tais práticas e existem diversas explicações possíveis para isso, contudo, a com melhor fundamento neurológico é a que depois de o indivíduo passar décadas construindo uma personalidade estável para controlar as atribulações da vida, o cérebro hesita em mudar suas convicções. Isso se dá mesmo que o comportamento possa ser disfuncional, pois ele ajudou o indivíduo a sobreviver, e é exatamente para isso que o cérebro foi projetado, manter-nos vivos. A formação de hábitos e circuitos neuronais leva muito tempo, décadas até, logo não podemos esperar que seja tão fácil desligá-las. Na realidade é preciso uma enorme energia metabólica para fazer crescer novas células no nosso cérebro ou rearranjar as conexões entre elas, conexões essas que se encontram firmemente estabelecidas devido aos anos de reforçamento que se passaram. Um aspecto negativo desse processo de rompimento nos antigos padrões neurais é o surgimento de certo grau de ansiedade no sistema límbico (porção do cérebro responsável pelas emoções), que é um sistema não tão flexível e criativo.⁷

Assim, qual é a solução para mudar essa resistência neural? A atenção focada. Ela conduz à construção de novos circuitos neuronais, que uma vez estabelecidos, ativarão as áreas do cérebro ligadas às atividades motivacionais. Quanto mais repetimos uma determinada atividade, mais fortes esses circuitos se tornam. Esse mecanismo é chamado de aprendizado hebbiano, que é o que nos leva a adquirir novos conhecimentos.⁷

Segundo estudos, repetir uma nova tarefa como, a meditação ou uma oração, muda a atividade sináptica na extremidade de um neurônio e isso alterará a estrutura da célula. Tais mudanças afetam o modo como a informação é retransmitida para as outras áreas do cérebro (NEWBERG; WALDMAN, 2009, p. 54).

Considerando o que detalhamos acima, as práticas meditativas são de grande valia na melhoria do bem estar geral de nossas vidas, tanto física quanto psicologicamente. Assim, é interessante que possamos quebrar paradigmas e dar uma oportunidade a nós mesmos para vivenciar tais atividades.⁷

Dr.Cristiano Miranda CRM 34339

Cardiologista e pós-graduado em psicologia

[7] NEWBERG, Andrew; WALDMAN, Mark R. *Como Deus pode mudar sua mente: um diálogo entre fé e neurociência*. São Paulo: Prumo, 2009. [Scroll up](#)[Scroll down](#)

Meu Barquinho de Papel

Há muito tempo, na “Rua do Carrapicho”.
Quando chovia a enxurrada descia.
Pelas valetas da ladeira em capricho
Contornava seixos, ciscos e tudo que havia.

Neste cenário, ainda menino construía.
Meu barquinho de papel e o soltava.
Nas águas turva que pela rua corria
Carregando o meu sonho embalava.

Nas ilusões de conhecer o mundo
Melhorar a vida dos irmãos e dos pais.
Tornando os meus dias mais fecundo
Falta de agasalhos e alimentos jamais.

Parti num dia de chuva pesada
Vendo a enxurrada levar o meu sonho.
Corri mundo, ganhei e perdi jornada.
Velho. Hoje retorno muito mais tristonho.

Volto conhecendo o mundo de vitórias
Volto conhecendo as dores da derrota
Entre os sonhos, e as visões de glórias.
A visão malograda de um amor déspota.

Sonhei menino na “Rua do Carrapicho”.
Estive tão perto de atingir a esse sonho.
Mas o destino, parece que por capricho
Realizaram-se, só nos versos que componho.

Nas lembranças do barquinho de papel.
Foi-se uma longa vida sem historia
Escravo, vivo-morto de um amor infiel.
Que abatido tomba em busca da gloria.

Nilson Pereira Machado, 24/01/13.

Lavadeiras do Rio do Chiqueiro.

Na subida, com a bacia na cabeça.
Uma velha senhora arquejando.
Por mais simples que tudo pareça,
A velha mulher, pela vida lutando.

Em sua cabeça uma triste história.
Um marido distante, filho pequeno.
Luta com todas as forças para a gloria
E com Deus cultivava o seu terreno.

Imaginário em crença de outras vidas
Não sentiu a pesada mão do destino.
Não sentiu nos ombros as feridas,
Que se formaram para criar seu menino.

Resignada com a luta e a escassez
De alimentos, confortos e moradia.
Esperava pelo dia que talvez,
Recebesse o laurel com alegria.

Sabe-se bem no fundo da alma
Que o seu dia, um dia chegara.
Basta apenas esperar com calma
Que seu Deus não a abandonara.

A água fria não lhe tira a energia
Muito menos a vontade de viver.
Com amabilidade sempre agia,
Sem temer o dia que viesse morrer.

O tempo passou e ela não viu
Quando as forças a abandonou.
Viu o filho, que um dia partiu,
E o marido que nunca voltou.

Debruçada na janela pensativa
No seu amor único e distante.
Relembra: aquela vida cansativa,
Era muito menos angustiante.

Quando a morte lhe abraçou
Não modificara suas feições.
Esperou quem não chegou,
Vivendo de trabalho e orações.

Escassa aos ouvido de Deus
É o que se pode acreditar.
Amou como nunca os seus.
Amou... Amou e só soube amar.

Nilson Pereira Machado, 16/03/11.

NOTA: Aqueles que como eu, viveram a odisseia, de ter uma mãe lavando roupa para famílias mais abastadas em Gouveia, nas manhãs frias, às margens do Rio do Chiqueiro, que se cobria de neve e esta envolvia os nossos sonhos. Hoje são recordações nem doces nem amargas.

Aconteceu:

Semana Literária promovida em todas as escolas estaduais e municipais de Gouveia nos dias 20, 21, 22, 23 e 24 de maio. Certamente esses eventos que já estão se tornando rotina contribuirão para o desenvolvimento de nossos queridos conterrâneos.

Festa de Santo Antônio.

Encerrou-se em Gouveia com solene missa e procissão a tradicional Festa de Santo Antônio, no dia 13 de junho. Na véspera, após a missa e a trezena, foi levantado o mastro com acompanhamento do grupo de Congo de Nossa Senhora do Rosário de Sete Lagoas. Uma novidade para Gouveia. O espetáculo de fogos trouxe a maior admiração para os devotos. Parabéns aos festeiros Alberis de Oliveira e Juliana Gomes.

Forró dos Miranda 2013

Aconteceu no dia 20 de junho com participação de Datas o já rotineiro Forró dos Miranda, noticiado pelo grupo “Eu sou gente broa” de Datas. Falar em Datas, a Festa do Divino, padroeiro local, foi de um brilho sem par. Pode-se dizer, nos moldes da “Festa Total”.

Vai Acontecer

Kobufest.

A programação da Kobufest versão 2013 já está disponível tanto no site Portal Gouveia, quanto no oficial da Prefeitura WWW.gouveia.gov.br.

Gouveia anos 60

Gouveia celebra neste ano sessenta anos de instalação do município. Mais que um momento de festejar, espera-se que seja de revisão do passado, de estudos e projetos para o futuro.

Rádio Kobu www.radiokobufm.listen2myradio.com

A Rádio Kobu já pode ser acessada de qualquer parte do mundo pelo endereço registrado acima. Espera-se que os moradores de fora sejam também atendidos ao comentarem e sugerirem diretrizes de programação.

Prêmio Afago

A terceira edição do Prêmio Afago está prevista para o dia 4 de outubro. Os trabalhos devem ser encaminhados em meio digital para o endereço da AFAGO afagouveia@hotmail.com.

O povo nas ruas

Acompanhem em WWW.afagouveia.org.br as opiniões de alguns membros da AFAGO e também no grupo “amigos” no facebook, criação de nosso companheiro Adilson do Nascimento.

E a gente que pensava que o povo só saía às ruas para desfile carnavalesco?

Aniversariantes

Parabéns!

Julho

02/07 - Olívia de Oliveira Paula
05/07 - Adriana Ribas Regis
08/07 - Geraldo de Deus (Ladinho)
10/07 - Ludimilla Oliveira
12/07 - Adilson do Nascimento
12/07 - Elizabeth Alves Gomes
13/07 - Antonio Ozilton de Araújo
13/07 - Vanda Ribas
14/07 - Geraldo da Consolação Miranda
15/07 - Carlos Augusto Cardoso de Oliveira
16/07 - Anny Caroline Gonçalves Rodrigues
16/07 - Lílian Cristina de Miranda
17/07 - Ana Maria de Miranda Machado
17/07 - Aguivaldo Geraldo Rodrigues
17/07 - Valkíria Pires de Almeida
18/07 - Silvio Augusto Moreira
21/07 - Glécia Cardoso Martins de Oliveira
22/07 - Laura Lacerda Rodrigues
24/07 - Toledo Ribas de Oliveira
24/07 - Virgílio - filho de Zé Benedito
26/07 - Alberis de Oliveira
28/07 - Kleber Ferreira
30/07 - Marineu Eustáquio de Matos
30/07 - Yeda Oliveira Lucena

Agosto

01/08 - José Raimundo Monteiro
01/08 - Idelma de Araújo
03/08 - Zayde Miranda Gomes Pereira
04/08 - Elci Ribas
04/08 - Aline Ribas
07/08 - Adélia da Conceição Ribas
07/08 - Elza Dornas A. Martins
07/08 - Adenilson Tadeu da Rocha
08/08 - Adélis Maria Rodrigues
09/08 - João Augusto Miranda Lima
11/08 - Cristiano Batista Caetano
13/08 - Serafim Fernandes de Araújo (Dom)
14/08 - Adélia Anis Raies de Souza
15/08 - Diva Maria de Miranda
15/08 - Diogo Rodrigues Souza
16/08 - Terezinha Ferreira de Souza
18/08 - Gustavo Henrique Rodrigues Rocha
20/08 - Marccone Miranda Ribas
21/08 - Lívia Somalle Sai dos Santos
21/08 - Ângelo Rafael Machado
22/08 - Zuleima Buitrago de Miranda
23/08 - Alisson Wander Paixão
24/08 - Juliana Gomes
27/08 - Francisca Aparecida Lopes Bello
27/08 - Juliana Maria Miranda Lima
28/08 - Lynna Oliveira Santos
29/08 - Milton M. Ferreira de Miranda
29/08 - Nilton Bechara de Miranda

Na mão de Deus

20/05/2013 - Adilson do Nascimento

É com imenso pesar que, mais uma vez, a segunda em menos de um mês e a terceira em menos de um ano, comunico o falecimento de um cunhado, irmão da Ilda, minha mulher. Desta vez trata-se de **Moisés Vieira**, que faleceu repentinamente, esta manhã, em sua residência, aqui na Capital.

24/05/2013 - João de Jesus Saraiva

Nota de falecimento. Na tarde de ontem perdemos um grande amigo em Gouveia. Tãozinho Cordeiro como era conhecido por todos nós, porém só hoje dia 24 de maio que eu tomei conhecimento. Fora cometido de infarto fulminante. A sua esposa Elci filhas, e todos familiares nossos sentimentos, que Deus dê a todos o consolo, e muita força nesta hora de dor.

27/05/2013 - Afranio Gomes

Não temos recebido boas notícias de Gouveia nos últimos dias, tomei conhecimento agora do falecimento de Dona Tuquinha, viúva de Antonio de Tiano e sogra do Vice Prefeito Alfeu de Oliveira.

Guardem bem:

3º PRÊMIO AFAGO DE LITERATURA, CERIMÔNIA DE APRESENTAÇÃO E PREMIAÇÃO – DIA 4 DE OUTUBRO

**Data final para encaminhamento para banca de avaliação – 15 de setembro.
Instituição homenageada – Escola Estadual Joviano Aguiar.**

Criada pelo decreto 11.341 de 15 de fevereiro de 1.968, publicado em 25 de setembro de 1.968 no governo do Dr. Israel Pinheiro da Silva.

Boletim da AFAGO

Órgão Informativo da Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia

Ano VI – N ° 03-13 - Maio- Junho 2013.

www.afagouveia.org.br

Diretor Responsável – Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Crédito das Fotos: Adélia Anis Raies de Souza, Ismar Antunes Oliveira, Raimundo Nonato de Miranda Chaves José Moreira de Souza.

Diretoria da AFAGO

Presidente de Honra: Waldir de Almeida Ribas in Memoriam

Presidente: Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Secretário: Guido de Oliveira Araújo

Diretor de Finanças: Adilson Nascimento

Patrocinadores:

Diretores da AFAGO

Comissão Editorial

Guido de Oliveira Araújo.

José Moreira de Souza

Raimundo Nonato de Miranda Chaves



IMPRESSO

REMETENTE

AFAGO - Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia

Avenida Amazonas 115 - sala 1709

CEP: 30180 - 000 - BELO HORIZONTE - MG